

Museus: Engajamento e colaboração¹

Maria Ignez Mantovani Franco²

Resumo:

Até pouco tempo atrás, planejar ações em um museu consistia em reunir conteúdos, objetos e acionar um volume significativo de informações e acervos a serem expostos à fruição pública, por meio de exposições, ações educativas, enfim, programas dirigidos a diferentes públicos. Nosso compromisso era trazer à luz acervos adormecidos em reservas técnicas, dispô-los de forma interessante, cumprindo um roteiro cronológico ou temático, adicionar-lhes um cabedal de informações históricas, científicas ou artísticas de relevância, e aguardar que nosso público apreendesse todo o volume de dados que nós lhes impingíamos.

Aos poucos, ondas de inquietação, de irreverência e de questionamento foram assolando o dia a dia dos museus e, de alguma forma, foram nos mostrando que os sentidos deveriam ser múltiplos, plurais. Os avanços dos estudos de público, o advento da internet e o alcance das mídias sociais, entre outras mudanças sociais e globais de relevância, revolveram o mundo dos museus de forma tão radical, que é imperativo que possamos refletir, flexibilizar e nos preparar para um novo tempo, que já chegou, em que o museu se transforma cada vez mais num espaço-fórum, num território de vivências, de experiências, de compartilhamentos e de inovação.

¹ Texto baseado na comunicação apresentada na Conferência do III Fórum Estadual de Museus, UNIRIO, Rio de Janeiro - 26,27 e 28 de maio de 2014

² PhD em Museologia pela ULHT e Diretora da Expomus-São Paulo, Rio de Janeiro

O presente texto procura levantar alguns aspectos do museu-fórum, do museu que se preocupa em pesquisar, em perguntar, em ouvir, em dialogar, em compartilhar, em buscar, em contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, mais plural, mais digna, mais verdadeira e, portanto, inclusiva. Esta é a essência que deve guiar a ação museológica, comprometida com a realidade em que o museu atua, com a sociedade que lhe dá sentido, com as ações que a comunidade elege, com as práticas que ela reconhece como suas e que decide codificar e perenizar para o futuro.

Palavras Chave: Compartilhamento; Participação; Colaboração; Inovação; Museologia;

Abstract:

Until recently, plan actions in a museum was to gather content, and objects trigger a significant volume of information and collections to be exhibited for public enjoyment through exhibitions, educational activities, ultimately aimed at different public programs. Our commitment was to bring to light collections asleep in technical reserves, arrange them in an interesting way, fulfilling a chronological or thematic script, add them a lot of historical, scientific or artistic relevant information, and wait for our audience seize the entire data volume we offer them.

Gradually, waves of unrest and irreverent questioning were ravaging the day to day of museums and, somehow, they were showing us that the senses should be multiple, plural.

The progress of audience studies, the advent of the internet and the scope of social media, among other social and global changes of relevance, scoured the museum world so radically that it is imperative that we reflect, relax and prepare for a new time, which has now come to the museum turns into an increasingly space-forum, a territory of experiences, , shares and innovation.

This text seeks to discuss some aspects of museum-forum, the museum who cares to search, to ask, to listen, to discuss, to share, to seek, to contribute to building a more just, pluralistic society, more worthy, truer, and therefore inclusive. This is the essence that should guide the museological action, committed to

the reality in which the museum operates with the society that gives it meaning, with the actions that the community elects, the practices that she recognizes as her and decides to encode and perpetuated for the future.

Key words: Sharing; participation; collaboration; innovation; museology;

Início esta reflexão sobre o tema “Museus: engajamento e colaboração” com um pensamento de Milton Santos, extraído do livro *Encontros*, organizado por Maria Angela Pereira Leite.

“Nós não trabalhamos as formas de solidariedade que existem e que explicam por que a barbárie ainda não tenha se instalado completamente nas grandes cidades. Os pobres todos os dias elaboram novas formas de solidariedade. Os pobres são mais sensíveis do que nós. Mas como eles não têm o espírito de sistema, não codificam. Isso não quer dizer que eles não aprendam.” (Leite, 2007, p. 134-135)³

Espero que esta frase do saudoso Milton Santos nos inspire a buscar verdadeiramente os caminhos que conduzam nossos museus a novas experiências de compartilhamento, engajamento, colaboração e inovação.

Até pouco tempo atrás, planejar ações em um museu consistia em reunir conteúdos, objetos e acionar um volume significativo de informações e acervos a serem expostos à fruição pública, por meio de exposições, ações educativas,

³ LEITE, Maria Angela Faggin Pereira (Org.). Milton Santos/Encontros. 1. ed. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007. v. 01. 205 p.

enfim, programas dirigidos a diferentes públicos. Buscávamos então que nossas exposições fossem envolventes, criativas e que pudessem informar e formar o público visitante. Nosso compromisso era trazer à luz acervos adormecidos em reservas técnicas, dispô-los de forma interessante, cumprindo um roteiro cronológico ou temático, adicionar-lhes um cabedal de informações históricas, científicas ou artísticas de relevância, e aguardar que nosso público apreendesse todo o volume de dados que nós lhes impingíamos. Com este conjunto de ações, consolidávamos exposições de longa duração, mostras temáticas temporárias, programas educativos robustos, e um sem fim de estratégias voltadas a atender diferentes públicos. Trazíamos respostas prontas a perguntas que sequer haviam sido formuladas, decidíamos temas que julgávamos pudessem vir a ser de interesse de nosso público, partíamos do pressuposto que o museu sabia o que deve expor, enquanto ao público cabia ler, ouvir, ver e aprender. Um movimento de mão única, focado em transmitir ao outro o que o museu *pensava que sabia* e tinha certeza que seria de interesse do visitante.

Ocorre que esse sentido único e direcional focado na ação do museu para o visitante, mesmo que dirigido a diferentes públicos, tornou-se cada vez mais obsoleto. Aos poucos, ondas de inquietação, de irreverência e de questionamento foram assolando o dia a dia dos museus e, de alguma forma, foram nos mostrando que os sentidos deveriam ser múltiplos, plurais. Os avanços dos estudos de público, o advento da internet e o alcance das mídias sociais, entre outras mudanças sociais e globais de relevância, revolveram o mundo dos museus de forma tão radical, que é imperativo que possamos refletir, flexibilizar e nos preparar para um novo tempo, que já chegou, em que o museu se transforma cada vez mais num espaço-fórum, num território de vivências, de experiências, de compartilhamentos e de inovação.

Meu intuito é levantar alguns aspectos desse *museu-fórum*, desse museu que se preocupa em pesquisar, em perguntar, em ouvir, em dialogar, em compartilhar, em buscar, em contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, mais plural, mais digna, mais verdadeira e, portanto, inclusiva. Esta é a essência que deve guiar a ação museológica, comprometida com a realidade em que o museu atua, com a sociedade que lhe dá sentido, com as ações que a comunidade elege, com as práticas que ela reconhece como suas e que decide codificar e perenizar para o futuro.

A palavra *fórum* nos remete ao termo grego *ágora* e por isso a importância do seu significado amplo e abrangente.

Ágora era a praça principal na constituição da *polis*, a cidade grega da Antiguidade Clássica. Normalmente era um espaço livre, configurado pela presença de mercados e feiras em seus limites, envolvido por edifícios de carácter público.

A ágora – símbolo da democracia direta e da democracia ateniense – é onde o cidadão grego convivia com outro, onde ocorriam as discussões políticas e os tribunais populares. Era, portanto, o espaço da cidadania, no qual todos os cidadãos tinham igual voz e direito a voto.

Já na antiga Roma, conhecia-se como fórum a praça pública onde eram tratados os negócios do povo e onde ocorriam os julgamentos. O fórum situava-se geralmente fora das muralhas da cidade (fórum = “fora”).

O conceito mantém a sua essência até hoje, apesar de ter-se adaptado e de ter passado por mudanças lógicas com o passar do tempo. Um fórum é um encontro ou uma reunião em que são discutidos assuntos de interesse comum na presença de um auditório, que pode participar da discussão. O fórum é coletivo e é dirigido por um moderador.

Empresto portanto dos gregos este conceito de “ágora”, e dos romanos o conceito de “fórum”, para tentar qualificar o museu como o espaço livre e aberto à

convivência, ao diálogo, ao livre pensar, ao propor, ao interagir.

Para obter um efeito esquemático, que na verdade possa nos ajudar a refletir, penso em esferas de circunscrição, em camadas de relações sociais, em planos de interação que possam nos ajudar a dialogar. Elejo inicialmente alguns verbos que possam nortear nossas reflexões e ações:

Conhecer: é preciso partir do pressuposto que o museu não é o detentor da verdade, o museu não sabe tudo – ao contrário, interessa ao museu conhecer, perguntar, buscar, compartilhar conteúdos e informações, aprender com seu público, reconhecer sua experiência, validar novas formas de conhecimento, dar a ele espaço de manifestação. O museu precisa aprender solidariamente com outros parceiros, com quem pode dividir pesquisas, programas, ações, experiências. Estão aí as universidades, as organizações sociais, os movimentos populares, além das demais formas de expressão da sociedade a quem o museu deve dar voz e com as quais pode compartilhar experiências. É importante não ter preconceito com relação a novas formas de conhecimento, como por exemplo o não acadêmico, o popular, o tradicional, o tecnológico, etc. Para isso é preciso coragem e decisão institucional de dialogar, de se abrir para o novo, de se questionar, de pôr em risco o seu conhecimento, de ter desejo de aprender.

Compartilhar: aqui residem os exercícios voluntários que o museu deve fazer no sentido de envolver seus públicos em suas ações e, mais do que isso, receber propostas, sugestões, compartilhar caminhos e soluções. Neste sentido, temos exemplos muito bem-sucedidos de museus que subverteram de forma muito significativa processos e metodologias já bastante enraizados, como, por exemplo, abandonar as curadorias individuais, mundialmente adotadas,

e partir para as curadorias compartilhadas. Há exemplo de museus de cidade que têm feito chamamentos públicos pelos jornais, convocando até 100 pessoas para participarem de uma curadoria sobre determinado tema, que será constituinte de uma nova exposição sobre a cidade no museu. Nesse momento, o museu atua como mediador, como elemento norteador da ação, mas acredita no conhecimento do habitante e conta com ele como alguém que sabe a respeito da sua cidade e tem condições de contribuir para o desenvolvimento de uma exposição. Este é um exemplo bastante saudável de como o museu pode ser palco, ser fórum, e ao mesmo tempo pode interagir com diferentes atores sociais na definição de um de seus programas de maior relevância – a exposição.

Mobilizar: ao museu cabe mobilizar, ao mesmo tempo em que se deixa mobilizar. É tempo de mudar a postura, ou seja, em vez de reclamar, é o momento de o museu se movimentar. A diferença entre mobilizar e reclamar é o museu se acreditar como um verdadeiro agente voluntário de mudança. Historicamente, os museus reclamam de falta de verba, de falta de público, de falta de funcionários, de falta de reconhecimento institucional, etc, etc. Modificar esse quadro é algo que pressupõe atitude, vontade institucional. O museu precisa refletir sobre seus deveres e direitos, sobre o seu lugar, seu papel na sociedade, e tornar-se claramente um museu cidadão, ou seja, aquele que tem deveres e direitos. Se ele cumpre o seu papel social, de acordo com os cânones contemporâneos, se entrega socialmente os deveres e compromissos que a sociedade lhe atribui, poderá sim exercer o seu direito de receber o reconhecimento público, verbas de manutenção, e certamente estará aberto a uma série de possibilidades de interação e mobilização social.

As ações de mobilização são múltiplas e acontecem de forma simultânea, em diferentes níveis. O primeiro deles parte de um *movimento interno de autoconhecimento*, de revisão institucional. Os processos de desenvolvimento de plano museológico, plano diretor, plano estratégico e outras tantas fórmulas que possam levar um museu a se repensar e a se recolocar no cenário contemporâneo são, sem dúvida, instrumentos ricos e de grande impacto na reconfiguração institucional dos museus. As equipes engajadas e corajosas que se comprometem com a busca de novos direcionamentos, estabelecendo uma renovação conjunta de visão, missão, objetivos e planos estratégicos de médio e longo prazos para o museu, têm realmente obtido resultados surpreendentes. Reconhecer valores e também fraquezas institucionais são exercícios poderosos para que o museu possa se conscientizar dos métodos a abandonar e dos futuros caminhos a tomar. Um estudo apurado de organograma institucional, uma dança harmoniosa de papéis, uma nova chance de escolher ou revalidar a própria função, um apuro de formação e o compartilhamento de conhecimentos são algumas das oportunidades ímpares que podem mobilizar e criar novos sentidos ao engajamento de alguns importantes membros das equipes dos museus. Observar processos semelhantes é verdadeiramente gratificante, assim como constatar que programas bem conduzidos de gestão de mudanças institucionais podem resultar em oportunidades de aprimoramento e valorização profissional e pessoal àqueles funcionários que, de fato, comprometeram-se com o sentido da mudança proposta.

Para que esta mudança interna ocorra, é preciso acreditar no novo, reciclar ideias e revestir-se de muita coragem para incorporar as mudanças necessárias. Mas, sem dúvida, os resultados são compensadores.

O processo de se abrir a mudanças exige o reconhecimento, o estímulo e o fortalecimento de lideranças que tenham a capacidade de motivar os demais e o compromisso de levar o grupo a concluir o processo. “Concluir é aqui uma força de expressão, já que tais processos são contínuos.

Já a *mobilização externa* é possível exatamente quando a equipe do museu já se fortaleceu de forma efetiva e está em condições de ouvir, de convidar, de envolver diferentes segmentos de público no processo de repensar o museu – um processo inequivocamente desafiante, interessante e compensador. Em função dos avanços internos que foram obtidos, das validações que foram desenvolvidas e dos novos rumos que foram eleitos, torna-se fundamental ouvir a sociedade, compartilhando com o público do museu as novas perspectivas que possam ser eleitas para serem implantadas. É o momento da aderência, como uma esponja apta a sugar conhecimentos, novas contribuições, reivindicações, proposições. E é também fundamental que o processo não seja considerado pronto, acabado, ou seja, que haja real vontade e disposição para a assimilação de novas ideias e implantação de mudanças.

A participação, a colaboração que advém da mobilização toma diferentes formas na arquitetura das ações do museu. Mobilizar é uma conquista que não tem volta. As pessoas que se motivam, que aderem, que passam a participar da vida dos museus sentem-se parte importante e a eles se associam de forma integral.

Há diferentes formas de contribuição e os museus atraem indivíduos de diferentes níveis sociais, formação, sexo ou faixa etária. O museu-cidadão acolhe a todos e dá sentido pessoal e coletivo aos grupos que aderem à sua dinâmica.

Para falar de forma concreta, num processo aberto de adesão, de compartilhamento, de engajamento e colaboração, um museu pode mobilizar pesquisadores,

voluntários para as mais distintas funções, conselheiros, apoiadores, doadores, mantenedores, formadores de opinião e público participante ativo em distintas atividades que realiza.

Sempre nos surpreendemos ouvindo que o Brasil não tem a cultura do voluntariado, que não adianta pensar em reprimir, por exemplo, o modelo que admiramos nos museus americanos. Proponho, no entanto, que possamos retomar o pensamento inicial de Milton Campos, que na segunda metade do século passado já chamava nossa atenção, ao falar do Brasil e de nossa gente. Aqui repito suas palavras:

“Nós não trabalhamos as formas de solidariedade que existem e que explicam por que a barbárie ainda não tenha se instalado completamente nas grandes cidades. Os pobres todos os dias elaboram novas formas de solidariedade. Os pobres são mais sensíveis do que nós.”

Ou seja, temos sim em nosso país exemplos prodigiosos de solidariedade, de mobilização social, de arranjos sociais inovadores, de soluções criativas para a sobrevivência. Nossas populações replicam estes modelos solidários, de mútua proteção, em diferentes modulações, sem fim. Cabe aos museus perceber esses arranjos, aprender com tais experiências, aproximar distâncias e promover a inclusão. Não foi por acaso que os *museus de favela*, assim como os *pontos de memória* despertaram tanto a atenção e o interesse dos participantes estrangeiros da 23ª Conferência Geral do ICOM, realizada em 2013, no Rio de Janeiro. Tais arranjos, tais metodologias e tais avanços sociais que os *museus de favela* têm a apresentar ao mundo são hoje valorizados até mesmo nos cenários museológicos considerados privilegiados, que recentemente foram também assolados por crises econômicas e de modelos de atuação.

Mais do que copiar os modelos de outros países considerados como bem-sucedidos, precisamos encontrar e reconhecer os nossos próprios modelos, que têm garantido a sobrevivência de tantas populações em situações adversas. Vamos legitimar este conhecimento, saber transformá-lo em novas experiências e deixar que nossos museus possam beber desta fonte inesgotável de generosidade, de engajamento e de mobilização social.

Um bom exemplo são as experiências de *crowdfunding*, ou financiamento coletivo, que agrega fontes variadas de financiamento, em geral de pessoas físicas, interessadas em iniciativas de interesse coletivo. O termo é utilizado muitas vezes para descrever especificamente ações na internet com o objetivo de arrecadar dinheiro para artistas, pequenos negócios e *start-ups*, campanhas políticas, filantropia e ajuda a regiões atingidas por desastres, entre outros. Para tornar o projeto viável, geralmente se estipula uma meta de arrecadação.

Se nós considerarmos que os museus possam ter a capacidade de despertar adesão, o interesse da sociedade, como espaço público de convivência, de geração coletiva de conhecimento e de experimentação, podemos pensar que determinados programas possam ser subsidiados por meio de ações de financiamento coletivo.

Outro exemplo curioso, mas que condiz com as nossas práticas sociais, amplamente adotadas por alguns museus americanos, seria por exemplo o estímulo às ações de reciclagem de materiais expositivos a serem descartados. Se associarmos as cooperativas de reciclagem atuantes nas grandes cidades à produção de objetos a partir da reciclagem de suportes expositivos, tais como *displays* em geral, *banners*, material gráfico defasado, poderemos ter uma boa fonte de recursos para nossos museus. Exercícios neste sentido já estão sendo feitos no Rio de Janeiro, em São Paulo e em outros estados brasileiros, a partir da reciclagem de material

de exposições temporárias. Lembro-me de uma exposição que foi montada há anos no MAM – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e que, ao final, todos os materiais foram doados e recolhidos por um hospital psiquiátrico; o mobiliário expográfico utilizado na exposição *Impressionismo: Paris e a Modernidade* foi doado para museus de favela do Rio, e assim por diante.

Cabe falar agora da mobilização intermuseus, interinstitucional. Volto a falar de uma ideia da qual tive o privilégio de participar, no Estado de São Paulo, na sua mais tenra gestação: os sistemas estaduais de museus. Não por acaso, a partir de São Paulo eles proliferaram nacionalmente e atuam em muitos estados brasileiros. O reconhecimento de semelhanças que possam mobilizar conjuntos de museus, identificação de competências, de lacunas, de anseios comuns, tudo pode ser fator agregador, propulsor de buscas conjuntas, de lutas coletivas. Assim, reforço a importância dos sistemas enquanto elementos agregadores de instituições museológicas, e espaços de organização e representação das instituições museais.

Ao museu cabe ser o fórum, o espaço-ágora em que se possa discutir todos os aspectos que a sociedade tem trazido às ruas. Talvez se insistíssemos em ser museus mais ativos, mais engajados e motivados, seriam eles o fórum das ações e discussões que movimentam hoje as passeatas e os movimentos sociais. Quem sabe se estimulados os museus possam se transformar de fato num *locus*-cidadão, capaz de articular as representações sociais; é de fato inconcebível que estejam muitas vezes à margem dos grandes temas mas, sem dúvida, deverão ser os museus a se recolocar, a reivindicar uma nova posição. Os museus devem ser legitimamente espaços de interesse social, esferas de poder que não possam ser esquecidos, locais de articulação social de tal forma engajados que será inconcebível que não estejam na ribalta nos momentos emblemáticos. Teremos de ser partícipes da

história, coletando em tempo real o legado que irá permanecer para o futuro.

Para terminar, deixo aqui para reflexão uma citação recente do jornal português *Público*:

“O Museu da Inocência, em Istambul, Turquia, foi recentemente distinguido com o Prêmio Museu Europeu do Ano 2014, que foi lhe atribuído em Tallin, na Estônia.

‘O Museu da Inocência pode ser visto simplesmente como um museu da história de Istambul, na segunda metade do século XX. No entanto, é também um museu criado pelo escritor Orhan Pamuk como uma versão integral da história de amor contada no seu romance com o mesmo nome’, lê-se no comunicado divulgado pela organização do prêmio, o Fórum Europeu de Museus, do Conselho da Europa.

No comunicado, pode-se ler ainda que este museu ‘foi concebido como pequeno e pessoal, local e com um modelo sustentável para o desenvolvimento de um novo museu’. ‘O Museu da Inocência inspira e estabelece paradigmas novos e inovadores no setor museológico’, refere.

O romance O Museu da Inocência foi a primeira obra concluída pelo escritor turco Orhan Pamuk depois de lhe ter sido atribuído o Prêmio Nobel de Literatura, em 2006.” (Público, 2014, on-line)⁴

⁴ PÚBLICO. *Museu da Inocência na Turquia venceu Prémio Museu Europeu do Ano 2014*. Disponível em: <http://www.publico.pt/cultura/noticia/museu-da-inocencia-na-turquia-venceu-premio-museu-europeu-do-ano-2014-1636407>. Acesso em 17/05/2014.

Que cada museu, por menor que seja, como o Museu da Inocência, possa ser emblemático, carismático, envolvente, mobilizador e transformador. Ele estará respondendo de forma integral à sua função social.